

## A ONTOLOGIA FENOMENOLÓGICA SARTRIANA DA CONSCIÊNCIA: DAS OBRAS DO JOVEM SARTRE A *O SER E O NADA*

*Luís Carlos Ribeiro Alves*<sup>1</sup>

### **RESUMO:**

Este artigo analisa o percurso da temática da consciência ao longo das obras do filósofo francês Jean-Paul Sartre, com ênfase em suas obras teóricas. A metodologia adotada é a de revisão bibliográfica. O autor procura destacar os momentos em que a consciência alcança o papel mais importante na filosofia sartriana defendendo que, de acordo com Sartre a ontologia fenomenológica se torna possível pelo fato de esta estar centrada no ser da consciência, enquanto ser que é ao mesmo tempo contingente.

**Palavras-chave:** Sartre. Consciência. Fenomenologia. Ontologia.

### **ABSTRACT:**

This article examines the theme of the journey of consciousness through the works of French philosopher Jean-Paul Sartre, with emphasis on their theoretical works. The methodology adopted is a literature review. The author tries to highlight the moments when the consciousness reaches the most important role in advocating that Sartrean philosophy, according to Sartre's phenomenological ontology is made possible by the fact that it is centered in the being of consciousness, as a being who is both contingent.

**Key words:** Sartre. Consciousness. Phenomenology. Ontology.

### **Introdução**

A fenomenologia sartriana é muito mais conhecida através de *O Ser e o Nada*, seu Ensaio de Ontologia Fenomenológica, entretanto seus estudos relacionados à fenomenologia principiaram bem antes que escrevesse essa obra. Aqui, apresentaremos um pouco deste seu respirar fenomenológico, através da análise de algumas de suas principais obras que antecederam a *O Ser e o Nada*, tentando abranger toda a sua teoria da consciência para melhor entendermos a ideia de consciência defendida em sua principal obra, entendendo os momentos de continuidade, assim como os rompimentos que realizou em sua própria teoria.

Divide-se em três momentos. No primeiro destaca os pressupostos da ontologia fenomenológica de Sartre, em seguida enfatiza a ontologia fenomenológica que aparece, ainda

---

<sup>1</sup> Especialista em Ensino de Filosofia pela Faculdade do Noroeste de Minas – FINOM e em Ensino de Geografia e História pela Faculdade Vale do Salgado – FVS; pós-graduando em Docência do Ensino Superior pela FINOM. Graduado em Filosofia, com Bacharelado pelo Instituto Teológico-Pastoral do Ceará – ITEP e Licenciatura Plena pela Universidade Católica de Brasília – UCB. Membro do corpo editorial da revista *Composição* da UFMS.

que não tão aperfeiçoada quanto a da maturidade nas suas primeiras obras, ditas pré-ontológicas, dentre elas, *A Transcendência do Ego*, *Esboço de uma Teoria das emoções* e *O Imaginário* de modo a traçar o percurso percorrido por Sartre no desenvolvimento de sua ontologia fenomenológica ao longo de suas diversas obras. Por fim, destacamos a ontologia apresentada em *O Ser e o Nada*, bem mais madura que nas obras anteriores, destacando o objeto de reflexão principal, que diz respeito ao homem, a saber, as categorias do *Em-si*, *Para-si* e o para-outro. Objetivando fazer uma leitura do percurso de desenvolvimento da ontologia da consciência por Jean-Paul Sartre.

### **Ontologia a fenomenologia em Sartre**

Sartre realiza assim como Heidegger, uma retomada da ontologia por meio da fenomenologia, embora com uma abordagem em muito diferente da heideggeriana. Em *O Existencialismo é um Humanismo* Sartre aponta o ponto de partida de seu existencialismo, afirmando que este se encontra na subjetividade do indivíduo e, portanto no *Cogito* cartesiano como fundamento para a verdade de sua teoria, de modo que

Não pode haver outra verdade, no ponto de partida, senão esta: penso, logo existo; é aí que se atinge a si própria a verdade da consciência. Toda teoria que considera o homem fora deste momento é antes de mais uma teoria que suprime a verdade, porque, fora deste *cogito* cartesiano, todos os objetos são apenas prováveis, e uma doutrina de possibilidades que não está ligada a uma verdade desfaz-se no nada [...]. Portanto, para que haja uma verdade qualquer, é necessário uma verdade absoluta.<sup>2</sup>

Com isso Sartre não só apresenta em sua teoria uma idéia de continuidade em relação a Descartes, no que se refere ao *Cogito*, embora ele substitua o método utilizado para alcançar este *cogito*, a saber, a dúvida hiperbólica que, segundo Bornheim é substituída pela náusea. Fazendo o mesmo caminho de Descartes, que escreveu o *Discurso do Método* (ensaio), escreverá um romance, *A Náusea*, onde apresentará sua dúvida profundamente mais ampla que a cartesiana; esta abrange não só o conhecimento, como era a daquele, como a todo o sentido da existência humana. Esta náusea, sem dificuldades pode ser relacionada à angústia de Heidegger, que consistia na experiência vivencial reveladora do sentido do ser. Representa

---

<sup>2</sup> SARTRE, J-P. **O existencialismo é um Humanismo**. São Paulo: Abril, 1973. (Coleção *Os Pensadores*). p.21.

também certo rompimento com o pensamento do próprio Descartes, ao romper com o dualismo interno ao homem e sua determinação, como uma forte ligação a Heidegger por considerar toda a realidade humana em sua concretude de ser-no-mundo e, “admitindo a ideia de mundo é que Sartre consegue atribuir ao *cogito* uma dimensão existencial que não se encontra em Descartes. Dessa forma desintelectualiza-se o *cogito* e fundamenta-se a reflexão na consciência não reflexiva”<sup>3</sup>.

Sendo assim o ponto de partida de Sartre, nem é puramente o cogito cartesiano, como também não tem por base de sua teoria a simples suspensão dos conhecimentos, muitos menos, pergunta pelo sentido abstrato do Ser; sua pergunta toca toda a realidade humana, e é sobre esta que recai sua investigação, que coincide com a investigação da consciência, como aquela condição de possibilidade de toda a construção existencial e do próprio projetar humano, enquanto ser para-si que busca determinar-se. Sua ontologia dividir-se há em três momentos: a investigação do ser Em-si, do Para-si e posteriormente como consequência deste a investigação do para-os-outros.

### **O tema da consciência nas obras pré-ontológicas**

Sartre começa a desenvolver os seus estudos acerca do tema da consciência ainda na juventude, ao se deparar com o pensamento de Edmund Husserl, aqui analisaremos um de seus principais estudos sobre o pensamento fenomenológico husserliano, onde ele – Sartre – começa a desenvolver sua tese sobre a consciência.

Denominamos de pré-ontológicas as obras que antecedem a *O Ser e o Nada*, embora essa classificação não exista oficialmente, usaremos este termo a partir da consideração de que sua obra prima de ontologia é o ser e o nada, enquanto nas demais aparece muito mais o Sartre fenomenólogo, além do fato de tomar aqui para análise, sobretudo das primeiras obras do filósofo francês. Analisaremos o tema da consciência nas obras iniciais, tais como, *A Transcendência do Ego*, *Esboço de uma Teoria das Emoções*, obras nas quais ele se remete constantemente ao tema da fenomenologia e da consciência, sobretudo a husserliana; tomaremos ainda, um pequeno opúsculo que analisaremos em conjunto com *Transcendência do Ego*, a saber, *Consciência de si e conhecimento de si*, texto de uma de suas conferências.

---

<sup>3</sup> BORNHEIM, G. *Sartre: metafísica e existencialismo*. São Paulo: Perspectiva, 2005. p. 19.

Outra obra que enfatizaremos é *O Imaginário*, obra em que Sartre desperta sua atenção para a consciência, elemento que a partir de então se tornará o centro de sua investigação.

#### a) *A Transcendência do Ego*

Em *A Transcendência do Ego*, obra escrita em 1934, ano em que Sartre estudava em Berlim, com o objetivo de estudar a fenomenologia de Husserl, e publicada em *Recherches Philosophiques* em 1936, fica claro que seu pensamento ainda não se encontrava plenamente elaborado. O que ele realiza nessa obra é um esboço de descrição fenomenológica com o objetivo de defender a hipótese filosófica de que o ego não é um habitante da consciência, como era pensado até então pela maioria dos filósofos, segundo ele: “Nós queremos mostrar aqui que o *Ego* não está na consciência nem formal nem materialmente: ele está fora, *no mundo*; é um ser no mundo, tal como o *Ego* de outrem.”<sup>4</sup>

Para ele, na fenomenologia husserliana, o reencontro com a consciência transcendental de Kant se dá através da *epoché* fenomenológica, entretanto essa consciência diferirá da de Kant, quanto a não ser mais um conjunto de condições lógicas; agora a consciência será um fato absoluto e sua relação com o Eu de cunho existencial. A colocação do Eu transcendental, como habitante da consciência, significa a morte da consciência, visto que a consciência é um fato absoluto e consciente dela mesma. Nesse ponto de sua construção teórica Sartre admitirá uma consciência pura, ou seja, a consciência como um absoluto que é consciência de si mesma, um fenômeno onde ser e aparecer se identificam.

Nesse sentido Sartre afirma que o *Eu* é um existente concreto e se dá por meio de uma intuição, só aparecendo pelo ato reflexivo, ficando assim, ao alcance da redução fenomenológica como unidade de seus estados e ações e sua espontaneidade não pode ser confundida com a da consciência. Para Sartre o *Ego* é “precisamente, a interioridade da consciência refletida contemplada pela consciência reflexiva.”<sup>5</sup> enquanto que a consciência, já em concordância com o que afirmará posteriormente em *O Ser e o Nada*, “é um ser cuja essência implica a existência.”<sup>6</sup> Dessa forma o *Eu* não passa de uma forma sintática e vazia e só se revela à consciência a medida que esta o olha.

---

<sup>4</sup> SARTRE, J-P. *A Transcendência do Ego*. Lisboa: Edições Colibri, © 1994. p. 43.

<sup>5</sup> Idem. p. 71.

<sup>6</sup> Idem. p. 71.

A mudança que Sartre propõe em relação a Husserl é a substituição do *Ego* transcendental por uma consciência transcendental, sendo que agora este *Eu (moi)* passa de proprietário a objeto da consciência. “A consciência transcendental é uma espontaneidade impessoal. A cada instante, ela determina-se à existência sem que se possa conceber qualquer coisa *antes dela*.”<sup>7</sup> Afirma-se assim toda a anterioridade da consciência e esta consciência que é anterior a tudo descobre-se extremamente livre e de forma vertiginosa não esbarrando sequer no solipsismo deixado de lado, à medida que o *Ego* perdeu seu lugar de privilégio, não passando de uma das manifestações da consciência, como Sartre defende na Conferência *Consciência de Si e Conhecimento de Si*<sup>8</sup>; de forma que agora “só a consciência absoluta existe como absoluta” e o meu Eu, não é mais certo que o dos outros, para a consciência, é apenas mais íntimo.

Já em *Consciência de Si e Conhecimento de Si*, Sartre afirmará a existência da pré-reflexividade no *cogito* que, é condição para o *cogito* cartesiano; é este cogito pré-reflexivo que funda a reflexão e o cogito reflexivo, questões que defenderá ardentemente em *O Ser e o Nada* e dos quais falaremos mais claramente quando tratarmos desta obra, logo a seguir.

### ***b) Esboço de uma Teoria das Emoções***

Em *Esboço de uma Teoria das Emoções* Sartre aparece muito mais como psicólogo fenomenológico que como filósofo, analisando as posições psicológicas de Husserl; além de elaborar um estudo cuidadoso de diversas teorias das emoções, dedicando um primeiro momento à análise das teorias clássicas e à teoria psicanalítica, para só ao final oferecer sua própria contribuição, em forma de um esboço de uma teoria fenomenológica da consciência.

Para ele a consciência não pode ser explicada simplesmente por meio dos hábitos, como se vinha fazendo até então; muito menos tinha sentido a idéia de que os hábitos nos tornam inconscientes, em resposta à idéia, Sartre oferece o argumento do ato de escrever: “Na realidade o ato de escrever não é, de modo algum, um ato inconsciente; é uma estrutura atual

---

<sup>7</sup> Idem. p. 79. grifos do autor.

<sup>8</sup> A Conferência *Consciência de Si e Conhecimento de Si* foi concedida à Sociedade Francesa de Filosofia na Sessão do dia 2 de junho de 1947; sessão que foi presidida pelo Senhor Parodi, publicada pela primeira vez no Boletim da própria Academia. Aqui analisamos a tradução para o português do Sr. Pedro M. S. Alves publicada pelas Edições Colibri de Lisboa em 1994 acompanhando o texto de *A Transcendência do Ego*.

da minha consciência. O que sucede é que o ato não tem consciência *de si mesmo*<sup>9</sup>, o ato não ter consciência de si não faz-me inconsciente, segundo Sartre, porque tenho consciência de mim como escritor, embora não o tenha de cada traço realizado por minha mão. Desse modo, sua afirmação fundamental é a de que uma emoção é uma transformação do mundo e, nesta o corpo é dirigido pela consciência para alterar suas relações com o mundo alterando assim as qualidades do mundo, de forma que: “para se compreender claramente o processo emocional, a partir da consciência, é preciso recordar esse caráter duplo do corpo, o qual é, por um lado, um objeto no mundo, e, por outro, a vivência imediata da consciência.”<sup>10</sup>

Sua conclusão nesta obra, que nos é de fundamental importância ressaltar, é a de que a consciência é consciência não-tética de si, assim, sendo vítima de sua própria armadilha, de modo que perpetua a emoção, criando um mundo mágico a partir dessas emoções. Tais conclusões, Sartre considera como contribuições ao desenvolvimento de uma psicologia fenomenológica da emoção.

### **c) O imaginário**

Em *O Imaginário*, uma de suas mais destacadas obras da primeira fase e que é fundamental a compreensão da temática da consciência, assim como em *Esboço de uma Teoria das Emoções*, aparece um Sartre muito mais psicólogo fenomenológico que filósofo propriamente dito. Nesta obra ele analisa a relação entre imagem e consciência, como ele mesmo o afirma ao expressar o objetivo da obra: “O objetivo desta obra é descrever a grande função “irrealizante” da consciência ou “imaginação” e seu correlativo noemático, o imaginário.”<sup>11</sup>

Aí ele emprega uma significação para o termo “consciência” diferente da forma como este era empregado até então, além de defender a idéia de que a imagem ou a representação intencional não é um objeto habitante da consciência, mas externo a ela; nomeia assim com o termo “consciência” a todas as estruturas psíquicas, não em seu conjunto, mas nas particularidades concretas de cada uma. Outro fator marcante é a questão da reflexividade da

---

<sup>9</sup> SARTRE, J-P. *Esboço de uma Teoria das Emoções*. Rio de Janeiro: Zahar editores. 1965. p. 51.

<sup>10</sup> Idem. p.68-69.

<sup>11</sup> SARTRE, J-P. *Lo imaginario. Psicología fenomenológica de la imaginación*. Buenos Aires: Losada, 1976. p. 13. Tradução nossa.

consciência, pois é, pela atitude de reflexão que a consciência revela aquele conteúdo certo, que é a imagem.

A reflexão terá, segundo Sartre, quatro características fundamentais, a saber: a) que a imagem é uma consciência, ou seja, se opõe a idéia de que as imagens habitam a consciência, afirmando que esta é um tipo de consciência do objeto intencionado e, imagem vem a designar apenas a relação entre a consciência e o objeto; b) outro fenômeno captado por Sartre é o da quase observação, fenômeno este que se mostra no fato de nós observarmos os objetos apenas a partir de perfis de tal modo que “para esgotar as riquezas de minha percepção atual, seria necessário um tempo infinito.”<sup>12</sup> Dessa forma são fundamentais a esse momento os três tipos de consciência que se mostram na percepção: perceber, conceber e imaginar. É neste ponto que defenderá a postura husserliana da intencionalidade, dado que nesse período ele se considera um husserliano, antes de desenvolver o seu próprio caminho, de que a “a intencionalidade está no centro da consciência: é ela que trata de alcançar ao objeto, ou seja, que lhe constitui pelo que é.”<sup>13</sup> c) outra característica específica é o fato de a consciência imaginante propor seu objeto como um nada, ou seja, toda consciência é consciência de algo estranho a ela própria, desse modo a consciência é pré-reflexiva ou irreflexiva, mas para que essa consciência seja desvendada faz-se necessário um outro tipo de consciência: a consciência reflexiva:

Toda consciência propõe seu objeto, mas cada uma tem sua maneira de fazê-lo. [...] Este ato pode tomar quatro formas, e só quatro: pode propor o objeto como inexistente, ou como ausente, ou como existente em outro lugar; também se pode “neutralizar”, ou seja, no propor seu objeto como existente.<sup>14</sup>

E é dessa forma que Sartre expressa a relação entre consciência intencional e os objetos e a criação das imagens ou representações e d) a última das quatro características consiste na espontaneidade da consciência imaginante que encerra uma consciência não-tética de si - mesma, não possui um objeto, que Sartre resume da seguinte forma: “Se sente consciência de uma a outra ponta e homogênea com as outras consciência que a precederam e

---

<sup>12</sup> Idem. p.22. Tradução nossa.

<sup>13</sup> Ibid. p. 24. Tradução nossa.

<sup>14</sup> Ibid. pp. 26-27. Tradução nossa.

as quais está sinteticamente unida.”<sup>15</sup> Para enfim concluir sua defesa, afirmando que a imagem é uma espécie de consciência intencional do objeto.

### **A ontologia sartriana: Em-si, para-si e para-outrem**

A ontologia sartriana é elaborada principalmente em *O Ser e o Nada*, obra que tem como subtítulo *Ensaio de Ontologia Fenomenológica*. Ao se dizer “ontologia fenomenológica”, parece-nos inicialmente algo plenamente contraditório e estranho, visto que a fenomenologia é categoricamente anti-metafísica; contudo a investigação de Sartre se constitui como ontologia à medida que tem como objeto de sua descrição fenomenológica ao ser do fenômeno. Como afirma Cléa Góis “A sua descrição constituirá, por isso, uma "ontologia", porque visará o próprio ser; mas uma ontologia "fenomenológica", uma vez que o ser é a objetividade do fenômeno.”<sup>16</sup>

Facilmente se pode encontrar a descrição fenomenológica do Ser na obra de Sartre, dado o que podemos chamar de uma categorização do ser, nas categorias do a) Ser Em-si, ou seja, da coisa, esta absolutamente determinada é o próprio ser do fenômeno, daquilo que nos aparece da forma que nos aparece, “não possui um dentro que se oponha a um fora e seja análogo a um juízo, uma lei, uma consciência de si. O Em-si não tem segredo: é maciço.”<sup>17</sup> O Em-si é imutável, é a própria coisa; b) do Ser Para-si, que é o próprio ser da consciência, no sentido em que Sartre apresenta na Introdução de *O Ser e o Nada* “é um ser para o qual, em seu próprio ser, está em questão o seu ser”<sup>18</sup> é mutável, indeterminado, em constante possibilidade de transformação, diferentemente do Ser Em-si, o para-si não pode ser determinado conceitualmente, visto que é indeterminação, ele é a negação do ser e pode ser relacionado ao modo de ser do homem e da consciência, visto que o homem é por excelência um ser de inúmeras possibilidades, e c) Ser para-outro, ou seja a visão do outro, a própria teoria da alteridade de Sartre onde “o outro surge como mediador indispensável do eu consigo mesmo, porquanto sinto vergonha de mim tal como apareço ao outro.”<sup>19</sup>, pois a forma como apareço para o outro é a de um objeto, pois é dessa forma que se darão todas as relações

---

<sup>15</sup> Ibid. p. 30. Tradução nossa.

<sup>16</sup> SILVA, C. G. **Liberdade e consciência no existencialismo de Jean Paul Sartre**. Londrina: Ed. da UEL, 1997. p. 22.

<sup>17</sup> SARTRE, J-P. **O Ser e o Nada**. Petrópolis, Vozes, 2000. p. 39.

<sup>18</sup> Ibid. p. 35.

<sup>19</sup> BORNHEIM, G. **Sartre**. *Op.cit.* p. 81-82.

humanas, entre sujeito e objeto. O Outro é negação de mim mesmo, mas é à medida que o outro me reconhece que sou e “para me fazer reconhecido pelo outro, devo arriscar minha própria vida.”<sup>20</sup> Assim o outro em seu ser, depende de mim assim como o meu ser depende dele e, mesmo a forma como eu me vejo a mim mesmo, de modo a surgir uma interdependência entre o eu e o outro, embora este sempre me apareça como um estranho.

### **Considerações Finais**

Cabe apresentarmos algumas considerações acerca desta pesquisa, embora ela não se mostre como a última ou possa se isentar de críticas, pretendeu desde o início refletir acerca do percurso da temática da consciência no contexto das obras do filósofo francês Jean-Paul Sartre.

Por meio dessa análise cuidadosa podemos perceber uma perspectiva de análise das obras desse filósofo, no que concerne a temática da consciência, tomada como central a partir deste trabalho, embora não tome para si a ousadia de ser um trabalho fechado ou uma verdade indubitável acerca da filosofia sartriana, enfatiza a importância dessa temática não só no contexto de uma obra, mas ao longo de várias de suas obras, sobretudo as mais teóricas, de modo a garantir que essa foi uma preocupação constante do autor ao longo de seu percurso pelo longo caminho da filosofia.

As reflexões aqui que se referem, desde a preocupação em combater o *ego* huserliano até a preocupação com as categorias do ser, o *em-si*, o *para-si* e o *para-outro*, sempre apontando a consciência como ponto chave de suas indagações filosóficas. De modo, que podemos correr o risco de propor uma afirmação para resumir a filosofia sartriana e sua ontologia: uma ontologia fenomenológica é possível à medida que esta é uma ontologia (do ser/imutável) da consciência (fenômeno/mutável).

### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

BORNHEIM, G. *Sartre: metafísica e existencialismo*. São Paulo: Perspectiva, 2005.

---

<sup>20</sup> SARTRE, J-P. *O Ser e o Nada*. *Op. cit.* p. 307.

SARTRE, J-P. *A Transcendência do Ego*. Trad. Pedro M. S. Alves Lisboa: Edições Colibri, © 1994.

\_\_\_\_\_. Consciência de Si e Conhecimento de Si. In. *A Transcendência do Ego*. Trad. Pedro M. S. Alves Lisboa: Edições Colibri, 1994.

\_\_\_\_\_. *Esboço de uma Teoria das Emoções*. Rio de Janeiro: Zahar editores. 1965.

\_\_\_\_\_. *Lo imaginario: Psicología fenomenológica de la imaginación*. Buenos Aires: Losada, 1976.

\_\_\_\_\_. *O Existencialismo é um Humanismo*. São Paulo: Abril, 1973. (Coleção *Os Pensadores*).

\_\_\_\_\_. *O Ser e o Nada: Ensaio de Ontologia fenomenológica*. Trad. Paulo Perdigão. 8.ed. Petrópolis; Vozes, 2000.

SILVA, C. G. *Liberdade e consciência no existencialismo de Jean Paul Sartre*. Londrina: Ed. UEL, 1997.